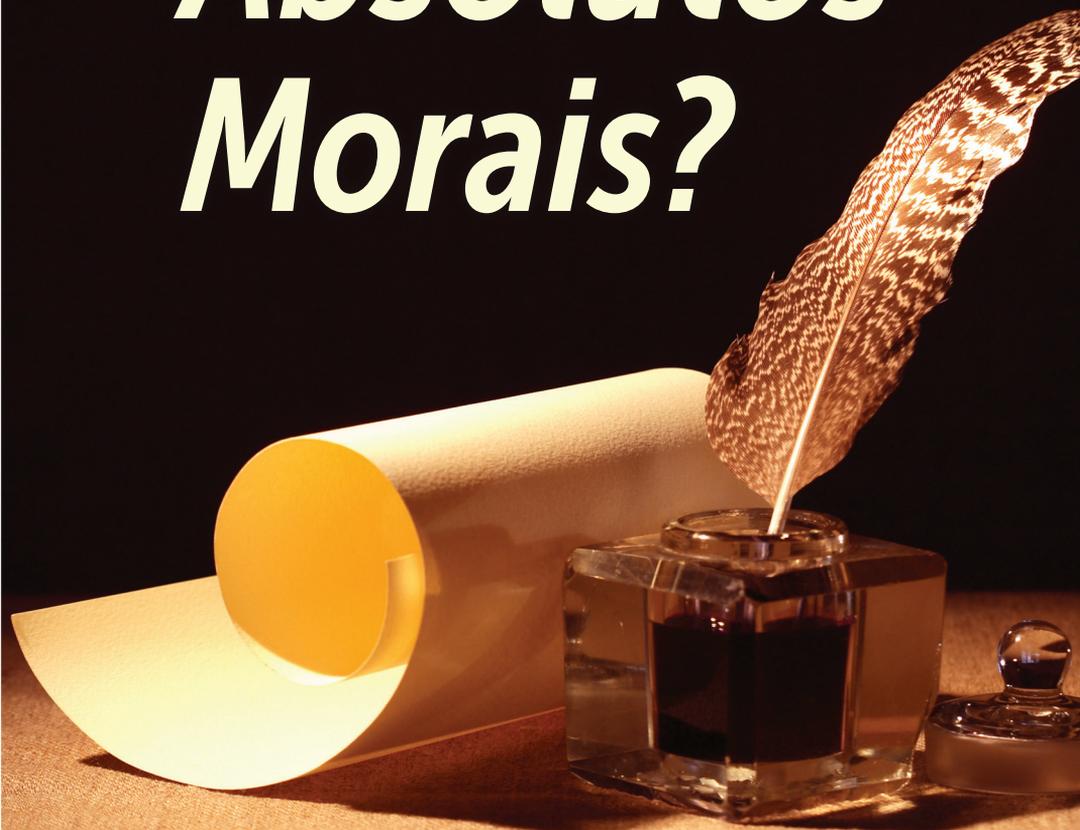


S SINAIS
DOS
TEMPOS

/ UMA ROCHA FIRME
/ O *HOMEM* FASCINANTE
/ CEMITÉRIO: LUGAR DE TRISTEZA OU DE ESPERANÇA?

T

Existem Absolutos Morais?



PUBLICADORA SERVIR
4º TRIMESTRE 2019
N. 151 / ANO 37 / €2,00



01873901319102



PUBLICADORA SERVIR
4º TRIMESTRE 2019
N. 151 / ANO 37

REVISTA INTERNACIONAL
EDIÇÃO TRIMESTRAL
EM LÍNGUA PORTUGUESA

DIRETOR Ezequiel Quintino
DIRETORA DE REDAÇÃO Lara Figueiredo
COORDENADOR EDITORIAL Paulo Lima
E-MAIL sinais@pservir.pt

DESIGN GRÁFICO Rita Mendes Sadio
DIAGRAMAÇÃO Sara Sayal
ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © Adobe Stock

PROPRIETÁRIA E EDITORA
Publicadora SerVir, S. A.
DIRETOR-GERAL Artur Guimarães
SEDE E ADMINISTRAÇÃO
Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo
21 962 62 00

EDIÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA
Editorial Safeliz
EDIÇÃO EM LÍNGUA FRANCESA
Éditions Vie et Santé
EDIÇÃO EM LÍNGUA ITALIANA
Edizione ADV

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Jorge Fernandes, Lda. – Artes Gráficas
TIRAGEM 15 000 exemplares
DEPÓSITO LEGAL Nº 63193/93
PREÇO NÚMERO AVULSO 2,00€
ASSINATURA ANUAL 8,00€
ISENTO DE INSCRIÇÃO NO ICS
DR 8/99 ISSN 0873-9013

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

≈ ÍNDICE ≈

03

EDITORIAL

Violência efémera e absolutos

FILOSOFIA

04

Existem absolutos morais?

“O que é a verdade?”, perguntou Pilatos a Jesus. Excelente pergunta!

BÍBLIA

10

Uma rocha firme
É a Bíblia digna de confiança em termos textuais e históricos?



Cemitério: lugar de tristeza ou de esperança?

O cemitério é um lugar onde se dorme, onde se repousa. Nada mais!

TEOLOGIA

26

O homem fascinante
Conheça o homem mais influente da História da Humanidade.

CULTURA



Halloween

A origem desta celebração é muito antiga e está ligada aos Celtas.

32

NOTÍCIA POSITIVA
ONU quer dietas menos carnívoras para travar alterações climáticas
Será uma solução?



33

A BÍBLIA ENSINA
Solução para a morte
O que tem a Bíblia a dizer sobre a morte?

34

NOTÍCIAS QUE FAZEM PENSAR
Cidades submersas...
A Gronelândia derrete...
Amazónia a arder...
As alterações climáticas são uma realidade!

Violência Efémera e Absolutos



Pr. Ezequiel Quintino

Diretor

Entramos no quarto trimestre de 2019. Significa que mais um ano está prestes a dar lugar a outro. A sucessão dos dias é inelutável. Se existe algo constante, regular, calculável e previsível é a marcha do tempo. É bom viver neste ingrediente: “tempo”. Também não podemos viver fora do tempo (chamado) cronológico. Mas este tempo que é o nosso, o tempo da história humana, é manchado, cada dia, por múltiplas e profundas violências.

Já vai longe o ano 2000, dedicado como *Ano Internacional da Cultura da Paz*. Parece-nos evidente que não deu muitos frutos. Enganam-se, por isso, todos os que querem acreditar que a guerra não faz parte da natureza humana. Por enquanto, ela é inevitável. Todavia, podemos e devemos trabalhar e cooperar para preveni-la. São bem-vindos todos os esforços para a promoção da não-violência, num espírito de compreensão, de respeito, de aceitação da diferença, de tolerância e de solidariedade. Porém, erradicar em absoluto, do quotidiano humano, toda e qualquer violência é, e será ainda, uma utopia.

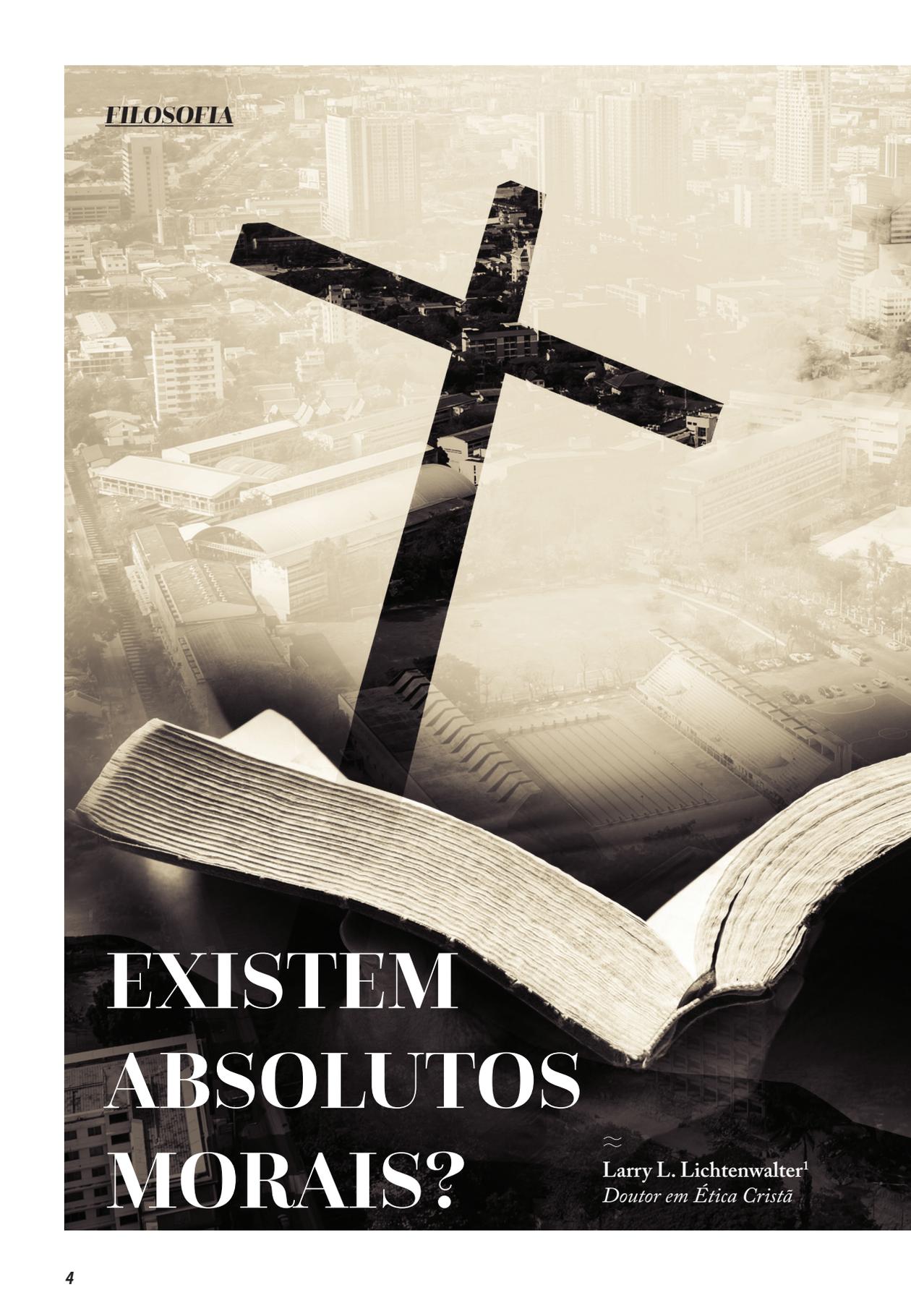
Consultando a História, verifica-se que foi na proporção em que o Homem se distanciou dos absolutos morais que ele foi mergulhando, progressivamente, nessas violências, das quais ele mesmo se tornou vítima. Este constitui, de igual modo, mais um dos *sinais dos tempos*.

Verificará o Leitor desta *Sinais dos Tempos* a existência de absolutos morais e vislumbrará também a solução para as violências e para os males do nosso mundo, encontrada num *homem* fascinante. Irá aumentar a sua confiança e a sua esperança diante da morte, “*o último inimigo a ser destruído*”. Terá acesso a notícias selecionadas e a informações privilegiadas que o ajudarão no seu percurso num terreno mais seguro para a vitória.

Entretanto, fixe os olhos no futuro e vá aprendendo a confiar na Palavra de Esperança, a Bíblia. Embora a felicidade, nesta Terra, seja relativa, ainda assim podemos ser felizes.

Desejo-lhe o melhor! A Vida! ▯

FILOSOFIA

An aerial, sepia-toned photograph of a city, likely a university campus, with a large, semi-transparent cross overlaid in the center. In the foreground, an open book is shown from a high angle, its pages fanned out. The overall composition suggests a connection between philosophy, faith, and education.

EXISTEM ABSOLUTOS MORAIS?

≈
Larry L. Lichtenwalter¹
Doutor em Ética Cristã



1 Larry L. Lichtenwalter, além de Doutor em Ética Cristã, é professor e escritor. Este texto foi condensado e adaptado do seu artigo "Existem absolutos morais?", que é o capítulo 12 do livro coletivo *A Lógica da Fé*, Tatui, SP: CPB, 2015, pp. 119-127.

"O que é a verdade?", perguntou Pilatos a Jesus. Ótima pergunta! Talvez a mais filosófica de toda a Bíblia (João 18:38). Esta questão também está presente nos fundamentos da cosmovisão e da cultura seculares. Muitos, hoje, estão convencidos de que nada é absolutamente verdadeiro, de que a verdade pode não existir em absoluto e, se existir, ela certamente não é evidente por si só, podendo até não ser conhecível. Dizem também que nada é completamente certo ou completamente errado. Quando muito, o que existe é uma diversidade de verdades.

A visão relativista da realidade e da qualidade da experiência humana faz da verdade algo que depende da pessoa ou, simplesmente, algo que é verdadeiro apenas para ela mesma. Neste caso, a verdade é relativa em função das minhas preferências individuais ou das do grupo a que pertencço. A verdade já não é vista como objetiva, eterna, nem é reconhecida como algo que se transmite de uma geração a outra. Agora, a verdade é criada e recriada a partir da experiência e do diálogo com os outros, dentro da cultura de cada pessoa. Isto significa que os valores morais de hoje não são os mesmos de ontem. Eles são culturais, relativos e mudam de acordo com o tempo, a necessidade e a preferência pessoal ou social. Naturalmente, os que defendem a existência de uma verdade moral, religiosa, social ou política são acusados de estar a impor os seus padrões aos outros e a promover a intolerância. Visto que a verdade moral pode ser profundamente polarizadora, muitos acham perigoso o conceito de verdade.

Surpreendentemente, esse relativismo temerário não provocou o colapso da moralidade, mas ocasionou um renascimento da busca pelos princípios da vida. Hoje, há um sentimento de insegurança resultante do pluralismo, da ausência de

autoridade e da centralidade do direito de tomar as próprias decisões na autoconstituição dos agentes morais pós-modernos. A cacofonia de vozes morais lança o indivíduo de volta à própria subjetividade como a única e suprema autoridade ética. O desafio de explorar todos os caminhos possíveis para saber como viver moralmente é, muitas vezes, desgastante, assustador e até arriscado.

Pilatos não deu tempo para Jesus responder. Também hoje, muitos dos que perguntam sobre a verdade não dedicam tempo à busca dessa resposta. Se Pilatos tivesse dedicado tempo para escutar, teria ouvido algumas verdades incríveis sobre a verdade e os absolutos morais.

A ESSÊNCIA DA VERDADE

Primeiramente, a verdade existe (João 8:32). Além disso, só existe um caminho, uma verdade e uma vida (João 14:6). Caminho, verdade e vida são expressões morais bíblicas. A verdade é um domínio moral no qual alguém pode *permanecer, ser, agir* e até *adorar* (João 3:21; 4:24). Existe um *Espírito da Verdade* e um espírito do erro, e nenhuma mentira vem da verdade (João 8:25-28, 44; I João 2:21; 4:6). A verdade contrasta com a inverdade e com a falsidade, com a irrealidade e com a ilusão, ou com qualquer ideia de uma diversidade de verdades.

Em segundo lugar, a essência da verdade é pessoal. Antes mesmo que Pilatos perguntasse, Jesus já tinha declarado: *“Eu sou o caminho, a verdade e a vida”* (João 14:6). **Deus é a Verdade.** A Sua natureza, o Seu próprio Espírito, é a Verdade. No seu âmago, a Verdade é um Ser. Isto significa que a Verdade é moral e “inerentemente pessoal”. Ela não é abstrata ou um mero ensino. Ela é “primeiramente uma questão de caráter interior e, somente por derivação, uma qualidade de palavras e ações”. Tudo o que Deus diz e faz é verdade. Os ensinamentos de Jesus são verda-



deiros, porque expressam a verdade, e Ele é a Verdade.

Então, a verdade conduz-nos a um relacionamento pessoal com a própria Fonte da vida genuína. Uma Pessoa verdadeira encontra a nossa pessoa e respeita a veracidade do nosso ser e da nossa maneira de agir. É essa Pessoa que dá exemplo, traz esperança, coragem e poder para sermos verdadeiros num mundo de enganos e de ilusões. Faz de nós pessoas. Firma a verdade no sobrenatural. A Verdade começa com Deus, não com seres humanos. A Verdade é eterna, porque reside em Deus. A Verdade é imutável, porque Deus não muda. Há uma unidade da verdade, porque a verdade vem da mesma Fonte – Deus. A verdade é, em última análise, a verdade de Deus, pois Deus é a Fonte de toda a verdade.

A VERDADE É UMA REVELAÇÃO PROPOSICIONAL

Em terceiro lugar, a Palavra de Deus é a verdade (João 17:17). Embora a essência da



Pilatos não deu tempo para Jesus responder. Também hoje, muitos dos que perguntam sobre a verdade não dedicam tempo à busca dessa resposta.

verdade seja pessoal, ela pode, ao mesmo tempo, consistir em ideias e palavras que sejam concretas, objetivas e proposicionais. A verdade como ideias ou palavras pode ser falada, ouvida, escrita, entendida e guardada. Ela transforma vidas. Existe uma correspondência entre as ideias e as realidades que elas representam – seja Jesus, o Pai, a moral humana ou a vida espiritual. É possível confiar em palavras verdadeiras exatamente porque elas estão de acordo com a realidade e vêm d'Aquele que é a Verdade (João 14:6; Apocalipse 21:5; 22:6). Porque o próprio Jesus é a “Palavra” e a “Verdade”, essa correspondência entre palavras e realidade fica garantida (João 1:1-3, 14; Apocalipse 19:13; I João 1:1).

A verdade é o oxigênio da mente. É o ponto de partida para todas as buscas intelectuais, espirituais e morais, além de ser o que verdadeiramente liberta (João 8:32; Filipenses 4:8). A verdade é vital e tem uma influência direta sobre a nossa vida. Agimos com base naquilo que cremos ser verdadeiro,

moldando assim a maneira como vivemos. A verdade afeta o modo como nos vemos a nós mesmos e aos outros.

Assim como os marinheiros determinavam o seu rumo pelas estrelas para navegarem durante a noite, também precisamos de alguns pontos fixos pelos quais nos possamos orientar moralmente, algo exterior a nós próprios. Por ser verdade, a Palavra de Deus fornece esses pontos fixos para a nossa orientação moral. A declaração de Jesus: “a tua palavra é a verdade” (João 17:17) implica revelação. Já que a revelação é possível, os absolutos morais são possíveis. **A verdade moral não é construída.** Ela é **revelada**. Ela é **descoberta** e não determinada por um voto da maioria. Tem **autoridade** e não é meramente uma questão de preferência pessoal.

Ivan Karamazov, personagem criado por Dostoiévski, afirmava que, se Deus não existe, tudo é permitido. Mas, se Deus existe, pode esperar-se que a verdade moral tam-

bém exista. E, se o padrão absoluto de moralidade for o próprio Deus, cada ação moral deve ser julgada à luz da Sua natureza. A Palavra revelada de Deus – as Escrituras – é o nosso *link* para Deus e para a verdade moral. **A Bíblia é o nosso padrão ético, porque ela vem de Deus, que, por Si só, é o padrão para a moralidade.** Quando recorrermos à Bíblia em questões morais, devemos lembrar-nos de que ela foi escrita em situações culturais diferentes e num tempo distinto do nosso. Deus falou, mas o facto de Deus transcender a cultura humana faz com que o que Deus revela na Bíblia se aplique universalmente a todas as culturas.

PODEMOS CONHECER A VERDADE

Em quarto lugar, a verdade pode ser conhecida: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8:32). Por vezes, a prova da verdade é facilmente obtida. Por exemplo, a que temperatura e altitude a água ferve ou congela. Esta é uma verdade científica que pode ser verificada objetivamente. Agora, verificar afirmações da verdade moral é mais difícil e complexo. O bem e o mal não podem ser observados ou medidos diretamente. Requerem uma abordagem diferente. As nossas próprias avaliações subjetivas da verdade podem ser objetivas quando observamos experiências de causa e efeito concernentes à verdade moral que vivemos ou não na nossa vida.

Princípios morais correspondem à natureza de Deus e também à nossa natureza. O Homem não é um animal, mas um ser moral único (o ser humano possui a capacidade de autorreflexão, a habilidade de raciocinar, a capacidade moral – pode entender a diferença entre o bem e o mal – e a capacidade de se relacionar corretamente com Deus). Por sermos criados à imagem de Deus (Gênesis 1:26 e 27), temos a capacidade de compreender aquilo que precisamos de saber tanto sobre Deus como acerca da vida moral.

Ao obedecermos à lei moral de Deus, comportamo-nos de um modo consistente com a maneira como Deus nos fez. O pecado, a desobediência à lei moral, não é apenas uma ofensa a Deus, mas uma violação da nossa natureza criada. O livro de Provérbios resume (8:35 e 36): *“Aquele que me encontra [a sabedoria moral de Deus] encontra a vida (...). Mas aquele que peca contra mim violenta a sua própria vida; todos os que me aborrecem amam a morte.”*

A revelação divina significa que a verdade bíblica corresponde à realidade percebida por Deus, que vê a realidade em toda a sua complexidade e plenitude. Aquilo que nós compreendemos é parcial e limitado. Verdade absoluta não é a mesma coisa que conhecimento absoluto. Nós podemos ter apenas uma compreensão relativa da verdade absoluta (I Coríntios 13:12). Todavia, a verdade parcial pode ser a verdade real, contanto que não a tomemos como verdade total.

A VERDADE E O COMPORTAMENTO

Em quinto lugar, a verdade está integralmente conectada com a justiça (aquilo que é reto, bom, justo e correto). A verdade é a ação correta. É o comportamento eticamente correto. A verdade abrange e presume a moral. É algo que pode ser expresso em atos tangíveis. Isto mostra a autenticidade da ligação da pessoa com Deus, a Fonte da Verdade (João 3:21; 5:36; 10:25).

Em sexto lugar, a verdade é relacional. Ela inclui a maneira de falar e o comportamento transparente diante dos outros (João 8:41-47, 55). A verdade e a confiança que ela gera são o alicerce de todos os relacionamentos. A plenitude da verdade não pode ser compartimentalizada. Uma pessoa não pode ser verdadeira numa área da vida (espiritual, religiosa, doutrinária) e falsa noutra (moral, política, social, negocial, matrimonial) e, ainda assim, ser verdadeira. Separar o espiritual





do moral divide a pessoa. A seletividade subjetiva das verdades morais divide a pessoa. Jesus disse a verdade e convida-nos para um nível mais alto de transparência pessoal e de verdade (João 6:27, 35, 47-51, 68 e 69; 8:31 e 32; 14:15, 21, 23).

SER VERDADEIRO

Em sétimo lugar, a verdade moral será sempre uma questão do nosso ser. Assim como acontece com Deus, a essência da verdade ao nível humano é pessoal. Ela tem que ver com a nossa consistência moral interior. Somos “egos” falsos ou verdadeiros? Amamos a verdade ou interiormente procuramos escapar às suas exigências na nossa vida? Somente aqueles que são “da verdade” (I João 3:18-22) compreenderão e receberão a verdade e, ao mantê-la consigo, serão verdadeiros (Apocalipse 14:5; 22:15; João 18:37).

A Bíblia refere aqueles que, por não amarem a verdade, amam a mentira (II Tessalonicenses 2:7-13; João 3:19-21). Eles creem no que é falso porque não amam o que é verdadeiro. A orientação moral interior de uma pessoa tende ou para a verdade ou para a falsidade.

VERDADE CHEIA DE GRAÇA

Finalmente, a verdade e a graça andam juntas, estão organicamente ligadas e não se excluem. A glória do caráter de Deus revelada em Jesus era “cheia de graça e de

verdade” (João 1:14). “A graça e a verdade vieram por intermédio de Jesus Cristo” (João 1:17). Nós “[entendemos] a graça de Deus na verdade” (Colossenses 1:6). Graça, misericórdia, paz, verdade e amor são componentes inseparáveis da moral genuína e da vida espiritual (II João 3).

A verdade sobre a qual Jesus falou integra uma dimensão moral e transformadora: “E conhecereis a verdade, e a verdade de vos libertará” (João 8:32). E Jesus orou: “Santifica-os na verdade, a tua palavra é a verdade” (João 17:17). Não precisamos tanto de liberdade para descobrir a verdade como precisamos de viver a verdade para que experimentemos a liberdade.

Existem absolutos morais? Claro que sim! A verdade, como um padrão infinito e eterno, está no âmago da cosmovisão cristã. Devemos buscá-la, crer nela, vivê-la, tê-la como modelo e falar dela. Devemos tomar decisões baseadas nela e ser transformados por ela. Uma batalha pela verdade moral está no centro do grande conflito entre Cristo e Satanás. É uma batalha pela nossa mente e pelo nosso caráter, enquanto vivemos e participamos nas cenas finais da história da Terra (II Tessalonicenses 2:7-12; Apocalipse 12:17; 14:6-13; 16:12-16). Deus concedeu o Seu Espírito para nos guiar para a verdade (João 16:13). A cada passo, Jesus faz-nos lembrar: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida.” ▢

UMA ROCHA FIRME

A fiabilidade histórica da Bíblia

~
Paulo Lima

*Editor e redator da
Revista Sinais dos Tempos*

INTRODUÇÃO

No início de 1947, um jovem pastor beduíno, que vivia com a sua tribo na margem noroeste do Mar Morto, chamado Ahmed el-Hamed, mas mais conhecido como Ed-Dhib (“o lobo”), estava à procura de uma cabra que se tinha tresmalhado do rebanho. Finalmente, localizou o animal, que se refugiara numa gruta. Para forçar a cabra a sair, ele atirou uma pedra para dentro da gruta e ouviu o som inesperado de cerâmica que se partia. Desconfiado e curioso, Ed-Dhib voltou, dois dias depois, com um

amigo e explorou a gruta. Para seu espanto, descobriu dez jarros grandes de cerâmica que continham, envolvidos em tecidos de linho, manuscritos muito antigos. Pensando que podiam ganhar algum dinheiro, os Beduínos procuraram vender os manuscritos no mercado de antiguidades. Assim, de forma aventureira, alguns rolos manuscritos chegaram às mãos de um professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, Eliezer Sukenik. Este reconheceu a extrema importância e a antiguidade dos manuscritos descobertos, dando assim início



à exploração arqueológica das cavernas de Qumran, onde foram encontrados muitos mais rolos antigos.

Esta descoberta veio avivar o debate sobre a fiabilidade da Bíblia. Será que podemos confiar no que a Bíblia nos revela? É ela, no seu conjunto, um documento fiável em termos textuais e históricos? Neste artigo, procuraremos mostrar, sucintamente, que o Antigo e o Novo Testamentos são dignos de confiança e que, portanto, devemos ter essa fiabilidade em consideração quando ponderamos a sua pretensão de se-

rem, no seu conjunto, a revelação feita por Deus à Humanidade.

A TRANSMISSÃO TEXTUAL DO ANTIGO E DO NOVO TESTAMENTOS

A primeira questão que se coloca no tocante à fiabilidade histórica da Bíblia diz respeito ao modo como nos foram transmitidos os próprios textos bíblicos. Será que os textos bíblicos que temos hoje são os mesmos que foram redigidos originalmente pelos diversos autores bíblicos? O mesmo é perguntar: Podemos estar seguros de que estamos realmente a ler as palavras de Isaías ou de Paulo, quando lemos presentemente o livro de Isaías ou a Epístola aos Romanos?

A resposta que temos, atualmente, para esta importante questão pode tranquilizar-nos. De facto, mesmo uma breve análise da história da transmissão textual do Antigo e do Novo Testamentos mostra claramente que, embora não tenhamos já ao nosso dispor os autógrafos (*i.e.*, os manuscritos originais) dos livros bíblicos, temos em nosso poder o texto tal como foi originalmente escrito.

Começemos por ver o caso do Antigo Testamento. O texto canónico da Bíblia Hebraica é o chamado Texto Massorético, porque, na sua forma atual, ele baseia-se na atividade de transmissão textual dos rigorosos copistas judeus medievais chamados “Massoretas” (“Transmissores”). Este texto apresenta não só o texto original composto apenas por consoantes, mas também a adição tradicional das vogais pelos Massoretas. Os exemplares mais autorizados e mais antigos do Texto Massorético são conhecidos como Códice de Aleppo (datado de 900 d.C.) e Códice de Leninegrado (datado de 1008 d.C.). As edições modernas e científicas do Velho Testamento são baseadas nestes dois Códices. Os Massoretas que os copiaram assumiam o com-



promisso de transcrever fielmente o texto sagrado, preservando-o de erros, omissões ou acrescentos. Para assim fazer, eles contavam cada versículo, cada palavra e, mesmo, cada letra de cada livro da Bíblia Hebraica. Eles sabiam qual era o versículo, a palavra e a letra que marcavam o meio de cada livro bíblico. Tinham também um procedimento de cópia muito rigoroso. Se fossem encontrados três erros numa página de um manuscrito, ele deveria ser destruído. A antiguidade do texto consonantal transmitido pelos Massoretas foi verificada pelas descobertas de antigos manuscritos que se fizeram em Qumran, no deserto da Judeia, a partir de 1947. Graças a estas descobertas, possuímos, hoje, textos bíblicos que datam do terceiro, do segundo e do primeiro séculos a.C., sendo mil anos mais antigos do que os manuscritos medievais redigidos pelos Massoretas. No entanto, mais de 50% dos textos bíblicos de Qumran são exem-

plares do chamado “texto proto-massorético”, representando fielmente o texto consonantal transmitido pelos Massoretas, que chegou até aos nossos dias. Um exemplo, entre muitos, do caso em lide é o manuscrito de Isaías, conhecido pela sigla 1QIsab, que terá sido copiado por volta de 125 a.C.. O texto deste manuscrito é virtualmente idêntico ao texto massorético que está na base das edições modernas da Bíblia Hebraica. Assim, podemos ter a certeza da antiguidade e da fiabilidade do texto do Antigo Testamento que encontramos nas nossas Bíblias modernas.¹

Quanto ao Novo Testamento, a situação da respetiva transmissão textual é igualmente sólida. Segundo Kurt e Barbara Aland, renomados especialistas da crítica textual do Novo Testamento, o número total de manuscritos neotestamentários que chegaram até nós é de 5283. Entre estes, contam-se 96 papiros,

O enorme número de testemunhas textuais e a antiguidade de muitas delas permitiram aos especialistas em crítica textual reconstruir com grande probabilidade o texto original do Novo Testamento. Assim, podemos estar seguros de que, quando lemos o texto grego da Epístola aos Romanos numa edição crítica do Novo Testamento, estamos efetivamente a ler a mensagem que saiu da pena de Paulo.

269 unciais (manuscritos que usam letras maiúsculas), 2667 cursivos (manuscritos que usam letras minúsculas cursivas) e 2251 lecionários (manuscritos que contêm passagens selecionadas e ordenadas segundo a liturgia anual, para serem usadas nos serviços religiosos das igrejas), sendo que, entre todos estes manuscritos, 59 contêm todo o Novo Testamento.² Trata-se de um número muito grande de manuscritos. Esta conclusão é reforçada, se compararmos este estado de coisas com a situação de outras obras antigas que chegaram até nós, como a *Iliada*, de Homero. Esta obra da literatura grega clássica é aquela que tem mais testemunhos, tendo chegado até nós através de 1800 manuscritos. Mas este é um caso excepcional. O usual é o que se passa com a clássica obra *Histórias*, de Heródoto, que chegou aos nossos dias através de apenas 109 manuscritos. Também é relevante notarmos o intervalo de tempo existente en-

tre o manuscrito original e a cópia mais antiga que possuímos. No caso da *Iliada*, medeiam 400 anos entre a composição original (realizada, provavelmente, por volta de 800 a.C.) e a cópia mais antiga (datada de 400 a.C.).³ No caso das *Histórias*, medeiam cerca de 550 anos entre o autógrafo (escrito por volta de 450 a.C.) e a cópia mais antiga (datada do século I d.C.). Mas, no caso do Novo Testamento, medeiam, em média, menos de 200 anos entre o original e a cópia mais antiga. Na verdade, graças ao testemunho de papiros muito antigos que trazem textos do Novo Testamento, existe uma grande proximidade temporal entre os originais e as mais antigas cópias manuscritas. Por exemplo, o papiro P⁵², um fragmento do Evangelho de João, é datado de 130 d.C., sendo que se crê que o dito Evangelho foi escrito por João por volta de 95 d.C.. O papiro P⁴⁶, constituído pelo texto quase completo de

dez Epístolas de Paulo, foi datado do ano 200 d.C., sendo que estas Epístolas foram provavelmente redigidas por Paulo entre os anos 53 e 60 d.C..⁴ Se tivéssemos espaço, poderiam ser apresentados outros exemplos do mesmo tipo.⁵ O enorme número de testemunhas textuais e a antiguidade de muitas delas permitiram aos especialistas em crítica textual reconstruir com grande probabilidade o texto original do Novo Testamento. Assim, podemos estar seguros de que, quando lemos o texto grego da Epístola aos Romanos numa edição crítica do Novo Testamento, estamos efetivamente a ler a mensagem que saiu da pena de Paulo.

A COMPROVAÇÃO ARQUEOLÓGICA DA BÍBLIA

A segunda questão que se coloca no tocante à fiabilidade histórica da Bíblia diz respeito à comprovação objetiva (*i.e.*, arqueológica) dos seus relatos históricos. Podemos confirmar que os eventos narrados na Bíblia tiveram lugar e que as pessoas referidas na Bíblia existiram realmente? A resposta a esta dupla pergunta é: “Sim!” Bastarão quatro exemplos para o mostrar, retirados do Antigo e do Novo Testamentos.

Críticos como Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman têm declarado abertamente, desde há alguns anos, que David nunca existiu ou, se existiu, foi apenas um líder tribal de algumas vilas ao redor da pequena cidade de Jerusalém.⁶ A ausência de inscrições reais e de arquivos preservados parecia dar plausibilidade a esta posição radical dos arqueólogos e dos eruditos bíblicos “minimalistas”. No entanto, em 1993, foi descoberta, por arqueólogos, uma importante inscrição em Tel Dan, local da antiga cidade israelita de Dan. Tratou-se de uma descoberta pública, com muitas testemunhas que podiam validar a sua origem autêntica. Esta inscrição estava enterrada

numa área que continha cerâmica do século IX a.C., e estava escrita na língua aramaica e com o tipo de letra desse mesmo século. Trata-se de um fragmento de uma estela erigida pelo rei arameu Hazael, que tinha invadido Israel por volta de 842 a.C., após a revolução de Jeú. A inscrição celebra a derrota dos reis de Judá e de Israel. Ela refere o monarca de Israel como sendo o “rei de Israel”, mas o rei de Judá é referido como pertencendo à “casa de David”. Isto mostra que, cerca de 130 anos após a morte de David, os Arameus ainda o reconheciam como o fundador da dinastia que governava o reino de Judá. Isto mostra, igualmente, que o domínio que David exerceu sobre Aram, referido em II Samuel 8:3-10, ainda estava bem presente na mente dos Arameus. Graças a esta inscrição, fica claro não só que David existiu, mas também que ele não foi um obscuro líder tribal, mas sim um monarca de dimensão internacional.⁷

Pôncio Pilatos foi o Prefeito da Judeia de 26 a 36 d.C.. Segundo o relato unâni-



me dos quatro Evangelhos (Mateus 27:2; Marcos 15:1; Lucas 23:1; João 18:29), foi ele que condenou Jesus à morte de cruz. Os escritos profanos da sua época pouco dizem sobre ele, se excluirmos as referências da pena de Flávio Josefo, o historiador judeu do primeiro século. No entanto, em 1961, foi descoberta, por uma expedição arqueológica italiana, uma inscrição no sítio do teatro da antiga cidade de Cesareia marítima que contém o nome e a titulação de Pôncio Pilatos. De facto, pode ler-se, em latim, “*Pontius Pilatus, Praefectus Iudaeae*” (“Pôncio Pilatos, Prefeito da Judeia”). Esta inscrição estava incisa numa laje que teria feito parte de um edifício público dedicado ao Imperador Tibério. Temos aqui o único testemunho epigráfico da passagem de Pilatos pela Judeia como Prefeito e uma prova indelével da sua existência histórica.⁸

No encerramento da Epístola aos Romanos, escrita por Paulo em Corinto, por volta de 55 d.C., é mencionado um certo Erastos, que ocuparia o cargo público de

“tesoureiro da cidade” de Corinto (Romanos 16:23). Ora, escavações arqueológicas, realizadas numa zona pavimentada situada a nordeste do teatro antigo de Corinto, revelaram uma inscrição latina incisa numa laje do pavimento. Essa inscrição declara: “Erastus colocou [este pavimento] à sua custa, em consequência da sua eleição para Edil.” Os arqueólogos que fizeram esta descoberta identificaram o Erastus da inscrição com o Erastos referido por Paulo, tendo em conta os três argumentos seguintes: (1) O pavimento foi colocado por volta de 50 d.C., a época provável da conversão de Erastos ao Cristianismo; (2) o nome “Erastus” é um cognome incomum e não se encontra em qualquer outra inscrição descoberta em Corinto, sendo a forma latina do nome grego “Erastos”; (3) a palavra grega usada por Paulo para descrever o ofício de Erastos – *oikonomos* (“tesoureiro”) – é o termo apropriado para descrever o ofício do edil coríntio, que tinha a seu cargo a supervisão das obras públicas. Portanto, estamos em presença de uma atestação epigráfica que comprova a existência histórica do Erastos mencionado por Paulo na sua Epístola aos Romanos.⁹

Por último, vejamos a atestação arqueológica de um interessante pormenor narrativo presente nos Atos dos Apóstolos, escritos por Lucas, que demonstra a sua precisão histórica. Durante muitas décadas, os críticos do Novo Testamento defendiam que Lucas se tinha enganado ao usar o termo “Politarcas” para designar os magistrados perante os quais Paulo tinha comparecido na cidade macedónia de Tessalónica (Atos 17:6), porque esse cargo *supostamente* não existiria no tempo de Paulo. Entretanto, foi descoberta, em Tessalónica, uma inscrição que contém precisamente a designação da referida magistratura. Esta inscrição, datada do primeiro século, começa com a frase: “No tempo dos Politarcas...” Depois da descoberta desta ins-





No Antigo Testamento, encontramos vários heróis que se destacam, sendo que David, o monarca que reinou sobre Israel por volta do ano 1000 a.C., é um dos mais reverenciados.

crição, foram descobertas mais trinta e cinco semelhantes, das quais dezanove procedem de Tessalónica e, destas, três são datadas do primeiro século. Ficou assim provado arqueologicamente que existiam magistrados designados “Politarcas” na Macedónia contemporânea de Paulo e de Lucas.¹⁰

VERDADE, NÃO PROPAGANDA

A fiabilidade histórica da Bíblia também é asseverada pelo facto evidente de os seus autores estarem claramente interessados em narrar a verdade dos factos, não incorrendo na tentação de criar propaganda edificante ou moralizante. Podemos ver esta tendência para “contar a verdade tal como ela é” tanto no Antigo como no Novo Testamentos. Dois exemplos serão suficientes para constatar este facto indesmentível.

No Antigo Testamento, encontramos vários heróis que se destacam, sendo que David, o monarca que reinou sobre Israel por volta do ano 1000 a.C., é um dos mais reverenciados. Ele é considerado pela tradição bíblica como sendo um “homem segundo o coração de Deus” (I Samuel 13:14). No entanto, o segundo livro bíblico de Samuel relata como David cometeu vários pecados terríveis (II Samuel 11 e 12). Apesar de ter várias mulheres, David cobiçou Batseba, uma mulher casada com Urias, um dos seus oficiais militares mais dedicados. O rei usou o seu poder para a seduzir e engravidou-a. Depois, para ocultar o seu pecado, David acabou por enviar Urias para a frente de batalha, dando ordens secretas para que ele fosse colocado num lugar onde pudesse ser facilmente morto, o que veio a acontecer. Depois, David casou com Batseba. Tudo teria ficado oculto, não fosse o facto de Deus ter enviado o profeta Natan, para repreender publicamente David. Note-se que o autor bíblico de II Samuel não procura minimamente esconder o grave pecado do seu herói, embora o pudesse fazer com toda a facilidade.

de. Bastava-lhe ter omitido este episódio da história de Israel que estava a escrever. Não o omitiu, porque, como os autores do Antigo Testamento em geral, estava interessado em contar fielmente a verdade dos factos.¹¹

No Novo Testamento, encontramos o mesmo tipo de procedimento. Se não contarmos com o próprio Jesus, constatamos que os principais heróis dos relatos do Novo Testamento são os apóstolos. No entanto, ao percorrermos as páginas dos Evangelhos e dos Atos dos Apóstolos, descobrimos que estes homens estavam longe de ser exemplos de fé, de piedade e de moralidade. Jesus censurou-os repetidamente pela sua falta de fé (e.g., Mateus 8:26). Quando dois dos apóstolos mais destacados, João e Tiago, propuseram que Jesus vingasse a Sua honra ofendida, enviando fogo do Céu para destruir uma aldeia samaritana que não O tinha recebido bem, Cristo censurou-os enfaticamente (Lucas 9:51-56). Pedro, outro dos mais destacados apóstolos, foi fortemente admoestado por Jesus, a ponto de Este o identificar com Satanás (Marcos 8:33). Foi Pedro que, ao contrário do que se tinha gabado, abandonou o seu Mestre e veio mesmo a negar conhecê-lo (Mateus 26:33-35, 69-75). Vemos, assim, que os escritores dos Evangelhos e dos Atos dos Apóstolos não estavam interessados em omitir a verdade sobre os seus heróis mais destacados, mas relataram exatamente tudo o que havia a relatar, ainda que esses heróis não ficassem bem no retrato. O mais extraordinário é que os Evangelhos e os Atos dos Apóstolos foram escritos, segundo a tradição, por apóstolos ou por homens que eram colaboradores dos apóstolos.¹²

CONCLUSÃO

Depois deste voo panorâmico sobre as evidências da fiabilidade histórica da Bíblia, podemos concluir que as Sagradas Escrituras são dignas de toda a confiança no que toca à

transmissão do seu texto e à realidade histórica dos eventos que relatam e dos personagens que são os seus protagonistas.

Assim sendo, podemos confiar na Bíblia como sendo uma obra coletiva que prima pela apresentação da verdade objetiva. Isto significa que ela é, certamente, merecedora da nossa confiança também nos seus aspetos não comprováveis histórica ou arqueologicamente. A sua pretensão de ser, coletivamente, a revelação à Humanidade do único verdadeiro Deus, o Deus Criador, deve ser avaliada com muita ponderação. Tanto mais que também existem no Antigo e no Novo Testamentos evidências internas que apontam para uma origem sobrenatural da sua mensagem. Assim, caro Leitor, desafio-o a ler a Bíblia. Encontrará nela verdades surpreendentes que darão mais significado à sua vida! □

NOTAS

- 1 Alexander Achilles Fischer, *O Texto do Antigo Testamento*, Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, pp. 15 e 16, 38-41. André Paul, *Os Manuscritos do Mar Morto*, Lisboa: Instituto Piaget, 2006, pp. 57-60. Bruno Bioul, *Qumrân et les manuscrits de la Mer Morte*, Paris: François-Xavier de Guibert, 2004, pp. 235 e 236.
- 2 Kurt Aland e Barbara Aland, *O Texto do Novo Testamento*, Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 84.
- 3 Jacqueline de Romilly, *Homero*, Lisboa: Edições 70, 2001, p. 11.
- 4 Werner Georg Kummel, *Introdução ao Novo Testamento*, 2ª ed., São Paulo: Paulus, 1982, *passim*.
- 5 Wilson Paroschi, *Crítica Textual do Novo Testamento*, 2ª ed., São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1999, pp. 45 e 46.
- 6 Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman, *La Bible dévoilée – Les nouvelles révélations de l'archéologie*, Paris: Bayard, 2002, pp. 13, 36, 191.
- 7 Paul Ferguson, "The Historical Reliability of the Old Testament", in: *The Big Argument: Does God Exist?*, ed. por John Ashton e Michael Westacott, Green Forest: Master Books, 2006, pp. 281 e 282.
- 8 Jean-Pierre Lémonon, *Ponce Pilate*, Paris: Les Editions de L'Atelier, 2007, pp. 23-33.
- 9 John McRay, "Archaeological Evidence for the New Testament", in: *The Big Argument: Does God Exist?*, ed. por John Ashton e Michael Westacott, Green Forest: Master Books, 2006, p. 299.
- 10 John McRay, art. cit., p. 301.
- 11 Stephen Caesar, "Can the Bible Be Relied On?", in: *The Big Argument: Does God Exist?*, ed. por John Ashton e Michael Westacott, Green Forest: Master Books, 2006, p. 229.
- 12 Stephen Caesar, art. cit., p. 230.

BÍBLIA

CEMITÉRIO: LUGAR DE TRISTEZA OU DE ESPERANÇA?

≈
Ilídio Carvalho
Pastor e teólogo



Eis um princípio básico: Deus reconhece, como Seus, todos os que, com sinceridade, O desejam conhecer e praticam a Sua vontade. Isto quer dizer que o grupo de Cristãos (identificado profeticamente como “Remanescente”), caracterizado pelo uso da Bíblia como única norma de fé, ensinará a verdade, e só a verdade, contida nas Sagradas Escrituras. É esta Verdade que o diabo, a fonte de todo o mal, não gosta que se conheça e se divulgue, para que o ser humano não possa conhecer qual a vontade de Deus expressa na Bíblia. O inimigo não quer que o Homem obtenha conhecimento que o desmascare como o originador de todo o mal e sofrimento – Satanás, o diabo, o arqui-inimigo de Deus. Na realidade, “o mais belo engano do diabo é persuadir-nos de que ele não existe”.¹ E, se não existe, serão inexistentes a preocupação e o cuidado de se adquirir conhecimento para que se possa detetá-lo e, obviamente, combatê-lo com o poder de Deus. E qual é a única fonte onde obter todos estes resultados? Claro, reiteramos uma vez mais a fonte: as Sagradas Escrituras!

1. A PALAVRA E O SEU SIGNIFICADO

Comecemos pelo princípio e perguntemos: O que é o Homem? A Sagrada Escritura dá-nos a conhecer o princípio criador usado por Deus para chamar à existência o primeiro ser humano. A Bíblia revela o processo desta forma simples e acessível a uma criança: “O Senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro de vida, e o homem transformou-se num ser vivo” (Gênesis 2:7). A palavra traduzida por “ser vivo” é, na língua hebraica, *nêfêsh*. Qual o seu significado? Esta é traduzida na língua do Novo Testamento, o grego, por *psychê* (“alma”). Eis um texto bíblico para o ilustrar: “Não temais os que matam o corpo, e não podem matar a alma (*psychê*)” (Mateus 10:28).

Que significado tem a palavra hebraica *nêfêsh*? Autoridades na matéria revelam, en-

faticamente, que “certamente que não é alma. Esta palavra compreende aqui, simultaneamente, a figura, a estatura total do ser humano, em particular a sua respiração; assim, o Homem não tem uma *nèfesh* (alma), mas ele é uma *nèfesh* (alma); ele vive enquanto *nèfesh* (alma)”.²

Ora, como bem afirma Hans Walter Wolff, o ser humano não tem uma “alma” que lhe seja exterior ou separada dele, mas ele mesmo é uma alma vivente! Ou melhor, dito por outras palavras: o ser humano é, simplesmente, um ser vivo. Por esta razão é que encontramos nas Sagradas Escrituras textos, como o seguinte, para definir o que acontece ao Homem. Quando este (ser vivo) morre, deixa de existir ao exalar o seu último suspiro: *“Mal deixam de respirar, voltam ao seu pó, nesse mesmo dia acabam os seus pensamentos”* (Salmo 146:4). O mesmo autor comenta este texto bíblico: “O vento (*rouah*) é, no Homem, a sua respiração. (...). Este sopro, vento, força vital do Homem, é também Jeová que o dá. Não é senão quando Jeová dá o *rouah*, a respiração (...) que os cadáveres retomam a vida. Se o *rouah* desaparece, o Homem volta para o pó da terra e, por sua vez, o *rouah* regressa a Deus que o deu.”³

Portanto, se faltar o tal *rouah* (o sopro de vida), o ser humano volta ao pó, de onde saiu. Na realidade, é como se de um boneco se tratasse... Acabou-se a pilha e, de repente, fica parado, deixa de ser o que foi, nada resta, a não ser um corpo, matéria que o tempo se encarregará de desfazer, nada mais!

Esta é uma das razões pela qual, bíblicamente falando, os ídolos, as imagens de escultura, são desta forma caracterizados: *“Todo o artista tem vergonha do ídolo que concebeu, porque fundiu apenas vaidade, desprovida de vida. São apenas nada, obras ridículas”* (Jeremias 10:14 e 15). Este texto é comentado da seguinte maneira: “Nos ídolos de madeira ou de

“O vento (*rouah*) é, no Homem, a sua respiração. (...). Este sopro, vento, força vital do Homem, é também Jeová que o dá. Não é senão quando Jeová dá o *rouah*, a respiração (...) que os cadáveres retomam a vida. Se o *rouah* desaparece, o Homem volta para o pó da terra e, por sua vez, o *rouah* regressa a Deus que o deu.”

pedra, não existe *rouah*, não existe sopro de vida; logo, é inexistente a força vital que lhes permita acordar ou levantar.”⁴ Aqui, encontramos várias particularidades, a saber: 1) Quanto ao homem que os faz e os adora, bíblicamente falando, é tido por néscio e imbecil (Isaías 44:17-19); 2) Quanto às imagens de escultura, elas são “vaidade” (vento, sopro, vapor), tal como o vapor da água que é e que, de repente, ao elevar-se no ar, se desvanece; 3) As imagens são apenas NADA!

Ao nível do texto, o ídolo é “ vaidade”, desprovido de vida, de espírito (*rouah*). É apenas “(*hèbèl*), vapor, sopro passageiro, fútil e vão”!⁵ Terá, porventura, um bocado de madeira, de pedra, de ferro, de ouro ou de prata qualquer vida? Não, claro que não! Logo, a imagem, em si mesma, não passa de “vaidade”, de um ser sem ser! Portanto, é o mesmo que qualquer um de nós sem o espírito, a energia, o elemento motriz – um ser que, de repente, deixou de ser!

A matemática ensina-nos que “o todo é igual à soma das partes”. O Homem – alma vivente (cf. Génesis 2:7) – é um todo, composto por um corpo animado pelo espírito que lhe comunica vida e movimento, o qual se manifesta de uma forma tripla: 1) um corpo; 2) uma vertente psíquica; 3) uma vertente espiritual – que o torna diferente do mundo animal irracional. No momento da morte, biblicamente falando, o que acontece? Eis como a Bíblia o refere: “*E o pó volte à*



Ao constatarmos estes factos “dentro deste emprego extremamente abundante de *nèfèsh* (alma), que se traduz por vida, resta notar que a *nèfèsh* nunca tem o significado de uma substância vital, indestrutível, distinta da vida corporal e que poderia subsistir independentemente do corpo”.⁶ Se compreendermos esta explicação, como tudo será diferente! O ser humano, biblicamente falando, nada tem de eterno ou de imortal.

terra donde saiu, e o espírito volte para Deus que o deu” (Eclesiastes 12:9). Nada mais simples e, simultaneamente, redutor! O que aconteceu não é mais, nem menos, do que o contrário do que sucedeu quando Deus chamou à existência o ser humano: “*O Senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num (nèfèsh) ser vivo*” (Génesis 2:7). Assim, “A *nèfèsh* é o resultado da *basar*

(‘corpo’), animado pela *rouah* (‘espírito’). (...) Não há vida sem espírito, é o que ensina claramente Gênesis 2:7.”⁷

Portanto, o que resta na morte? Quanto ao corpo, à matéria, desaparece na terra com o passar do tempo. Quanto ao espírito, segundo o texto bíblico, volta para Deus – ponto final! É, permita-se a comparação, como se fôssemos um carro! O espírito é a gasolina que faz com que o carro ande ao longo da sua existência, mais ou menos longa! Mas será este “espírito”, no que se refere ao ser humano, o que vulgarmente se entende por “alma”? Claro que não! Pois, como já vimos, não TEMOS uma alma que seja exterior ao nosso corpo, mas SOMOS uma alma, ou seja, o nosso TODO, tal como na matemática, é igual à soma das partes. Só isto, mais nada!

Agora pergunta-se: Será que os malfícios feitos pelo condutor do veículo a este carro, ao longo da existência do mesmo, serão atribuíveis à gasolina, ao tal espírito? Claro que não! Só o condutor (eu mesmo) é que é responsável, não é verdade? Já alguma vez se viu um agente de seguros, um polícia ou um juiz pedir responsabilidades ao combustível que faz com que o motor trabalhe e o carro se desloque? É por esta razão que o apóstolo Paulo pôde escrever: *“Porque todos havemos de comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba o que mereceu, conforme o bem ou o mal que tiver feito, enquanto estava no corpo”* (II Coríntios 5:10). Portanto, é o corpo (o carro, nós próprios), e não o espírito (a gasolina/o combustível), que é o culpado. O espírito, a exemplo da gasolina/do combustível, é neutro e, conseqüentemente, evapora-se, desaparece; ou seja, tal como o relato bíblico refere: *“O espírito volta para Deus que o deu”* (Eclesiastes 12:9). Assim sen-



do, o que existirá de imortal no ser humano? Nada, simplesmente!

Reforçando esta verdade, é-nos dito que “as palavras ‘espírito’ e ‘alma’ encontram-se 1700 vezes na Bíblia. Jamais elas são acompanhadas do adjetivo: ‘imortal’”.⁸ Quando procuramos este adjetivo nas Escrituras, encontramos-lo, unicamente, aplicado a Deus, não ao Homem: *“Ao Rei dos séculos, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amén”* (I Timóteo 1:17).

2. UM CASO: SAÚL, REI DE ISRAEL

Saúl, o rei de Israel, estava em guerra com um povo inimigo de Israel: os Filisteus. E, em desespero, o monarca queria saber o que Deus lhe tinha reservado, pois estava muito angustiado, pelo que O consultou; mas *“o Senhor não lhe respondeu nem pelos sonhos, nem pelos sacerdotes, nem pelos profetas”* (I Samuel 28:6).

Depois, no seu desespero, foi procurar uma médium (bruxa ou feiticeira), para que o pusesse em contacto com o já falecido profeta Samuel. Sabemos, pelas Escrituras, tal como Saúl, que *“os mortos não sabem nada”* (Eclesiastes 9:5). O pro-



cedimento de Saúl foi, a todos os níveis, insensato e ilógico. Porquê? Ora, se Deus não lhe respondeu por meios lícitos (sonhos, sacerdotes, profetas), como o poderia fazer por meios por Ele condenados – bruxas ou feiticeiros? (Ver Deuterónimo 18:9-14.)

A médium, obedecendo à ordem do rei, faz-lhe uma pergunta: *“Disse-lhe então a mulher: A quem invocarei? Respondeu-lhe Saúl: Faz com que me apareça Samuel”* (v. 11). A consulta continuou: *“E a mulher tendo visto Samuel soltou um grande grito, e disse ao rei: Porque me enganaste? Disse-lhe o rei: Não temas! Que vês? Vejo, respondeu a mulher, um fantasma/deus que sobe da terra. Saúl replicou: Qual é o seu aspeto? O de um ancião, envolto de um manto, respondeu ela. Saúl compreendeu que era Samuel e prostrou-se com o rosto em terra”* (I Samuel 28:11-14 – sublinhado nosso). Saúl não viu o falecido profeta Samuel! O rei, simplesmente, entendeu ou pensou que se tratava do verdadeiro profeta Samuel, segundo a descrição feita pela pitonisa. Por outro lado, se Samuel “sobe da terra”, então ele ressuscitou! Mas como é que ele sobe da terra de En-Dor,

ao sul do Mar da Galileia, a 10km da cidade de Nazaré, se o verdadeiro Samuel estava sepultado em Ramá (cf. I Samuel 25:1), ao norte do Mar da Galileia, a cerca de 100km de En-Dor?!⁹

De seguida, o diálogo estabelece-se sob duas vertentes: 1) O pseudo-profeta, nos versículos 17 e 18, fala do passado. E, para falar do passado (15:1-29), cremos não ser necessário assim tanto poder. Bastará recordar, nada mais! 2) Fala do futuro imediato (v. 19). Sabendo o desesepero do rei, não seria nada difícil prever o desfecho da batalha que se avizinhava.

Mas, quando fala do futuro, eis o que o pseudo-profeta Samuel diz: *“Amanhã, tu e teus filhos estareis comigo”* (v. 19). Perguntamos: O verdadeiro Samuel era justo e fiel a Deus; se, em vida, se retirou de Saúl por causa da sua iniquidade, iria viver com ele na morte, no dia seguinte? Portanto, a narração é feita segundo a linguagem das aparências e não de acordo com a veracidade da doutrina bíblica. Mas, e quanto à causa da morte do rei Saúl? As Escrituras não nos deixam sem resposta. Ei-las: 1) Porque foi infiel a Deus; 2) As Suas palavras não observou (Deuterónimo 18:9-14); 3) Por ter consultado necromantes [médiums] (I Crónicas 10:13). E em que palavras é que o rei de Israel prevaricou? Eis a ordem de Deus, que ele voluntariamente esqueceu, a qual contribuiu para a sua morte: *“Que ninguém pratique encantamentos, ou adivinhação, ou a magia ou a superstição; que ninguém pratique feitiçarias, ou consulte os espíritos, ou procure visões ou consulte os mortos. Todos os que praticam essas coisas tornam-se abomináveis para o SENHOR”* (Deuterónimo 18:11 e 12, *BpT*). Quem procura comunicar com os mortos comunica, na realidade, com os demónios (Salmo 106:28, 37; I Coríntios 10:20).

Pelo que pudemos ver até aqui, o Senhor abomina tais práticas: *“Quando vos disserem: consultai os que têm espíritos familiares e os adivinhos, que chilreiam e murmuram entre dentes; não recorrerá um povo ao seu Deus? A favor dos vivos interrogar-se-ão os mortos?”* (Isaías 8:19.) Portanto, poderá Deus dizer duas coisas diferentes acerca do mesmo assunto? Claro que não! O resultado foi a consequente morte do rei Saúl. Agora resta-nos perguntar: se tudo se passou como se... então, quem esteve por trás de todo aquele cenário em que esteve envolvido o rei Saúl? E, de igual modo, quem está presente nos mesmos cenários da atualidade? Uma vez mais as Sagradas Escrituras respondem: *“E não é de estranhar, porque o próprio Satanás se transfigurará em anjo de luz”* (II Coríntios 11:14).

Não negamos que tais ocorrências, no presente, sejam reais perante os nossos olhos. No passado, o episódio de Saúl com a feiticeira “realmente” aconteceu. Só que o personagem que, supostamente, se apresentou, não era quem dizia ser. O personagem real (Samuel, o profeta) repousava, segundo o texto bíblico, no pó da terra, aguardando a ressurreição. Mas este outro personagem (Satanás), excelso em poder, imitará com a maior facilidade tudo o que for inerente a qualquer falecido, pois tem poder para isso. Isto é denunciado, veementemente, pelo apóstolo Paulo, como vimos antes. Vejamos ainda, no livro de Job, o que acontece a quem morre: *“Os olhos dos que agora me veem não me verão mais; os teus olhos me procurarão, mas já não serei mais. Tal como a nuvem se desfaz e passa, aquele que desce à sepultura nunca tornará a subir. Nunca mais tornará à sua casa, nem o seu lugar jamais o conhecerá”* (Job 7:8-10). Das duas uma: 1) ou a Bíblia é mentirosa no que afirma; 2) ou o que os nossos olhos veem é verdade!

Presumimos que é melhor ficar ao lado da verdade do que ao lado da mentira, do que é, apenas na aparência, real!

3. DETALHES

Cristo e os apóstolos ensinaram que a imortalidade não é uma propriedade humana inata, mas um dom reservado unicamente para os justos, a ser-lhes outorgado quando ocorrer a ressurreição. Este ensino permaneceu no seio dos Pais Apostólicos. Só mais tarde, a partir da segunda parte do século II, é que os escritores cristãos adotaram uma versão do ensino da doutrina pagã – a imortalidade da alma – entre os quais: Tertuliano (155-240), Orígenes (185-254), Agostinho (354-430) e Tomás de Aquino (1225-1274).¹⁰ A teoria de que o ser humano tem uma alma imortal teve como principal arauto o filósofo grego pagão Sócrates (470-399 a.C.). Foi, finalmente, adotada como dogma eclesiástico no V Concílio de Latrão, em 1513.¹¹ Contudo, como já dissemos e reiteramos, a validade de um ensino não é determinada, de modo algum, pela sua maior ou menor popularidade, mas pela conformidade deste com o testemunho claro e inequívoco da Palavra de Deus.

A este propósito, seria bom que pudéssemos recordar o caso de Adão e de Eva. Se houve um ser humano que teve ao seu alcance a imortalidade, segundo o relato bíblico, esse homem foi Adão. Porém, quando o primeiro casal deliberadamente se afastou de Deus, o Criador não teve outra alternativa a não ser expulsá-los do Jardim do Éden: *“Depois de ter expulsado o homem, colocou querubins a oriente do jardim do Éden, querubins armados de espada flamejante para guardar o caminho da árvore da vida”* (Gênesis 3:24). Perguntamos: se sempre foi eterno em si mesmo, então porque barrar ao

Homem o acesso à árvore da vida? Portanto, a imortalidade não era, de modo algum, inerente à Humanidade. Esta era-lhe comunicada, fornecida (tal como se carrega uma pilha), pela “árvore da vida”.

Na realidade, quando ousamos misturar teorias humanas e pagãs com a harmonia do ensino bíblico, o resultado é confusão! Por exemplo, há Cristãos que acreditam e ensinam que este mesmo espírito, após a morte, irá para o Céu, para junto do Senhor, louvá-l’O. Para os que assim pensam, as Sagradas Escrituras têm uma admoestação bastante esclarecedora, que não deixa margem para dúvidas: “Porque na morte não há lembrança de ti; no sepulcro quem te louvará?” (Salmo 6:5); ou: “Os mortos não louvam ao Senhor, nem os que descem ao silêncio” (Salmo 115:17); ou, ainda: “Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma (...) mas a sua memória ficou entregue ao esquecimento. (...). Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque na sepultura para onde tu vais, não há obra, nem indústria, nem ciência nem sabedoria alguma” (Eclesiastes 9:5, 10). Portanto, cinco palavras, apenas, resumem o estado do Homem na morte: 1) Silêncio; 2) Esquecimento; 3) Inconsciência; 4) Sono; 5) Repouso.

Note-se que a Palavra de Deus caracteriza a morte como um “sono”! Exatamente como o Senhor Jesus disse, de forma clara, no caso da morte do Seu amigo Lázaro: “Lázaro, o nosso amigo, dorme; mas vou despertá-lo (...). Então Jesus disse-lhes claramente: Lázaro está morto” (João 11:11, 14). É aqui, prezado Leitor, que reside a nossa suprema esperança. Se a morte é comparada, biblicamente, a um sono, então, graças a Deus por isto, porque a ação de dormir pressupõe um acordar!

Cinco palavras, apenas, resumem o estado do Homem na morte: 1) Silêncio; 2) Esquecimento; 3) Inconsciência; 4) Sono; 5) Repouso.

Ventilámos a noção de “repouso”. Quando alguém morre, para onde é que vai? Claro, exatamente para aí, para onde está a pensar: o cemitério! Esta palavra grega – *koimêtérion* (em português, “cemitério”) – deriva do verbo *koimizô* (“adormecer”).¹² Quem diria! Afinal, o lugar sinistro – o cemitério – é um lugar onde se dorme, onde se repousa, nada mais. É um lugar de espera para um posterior acordar, e não um sítio onde vamos depositar os nossos queridos para todo o sempre, como certas confissões religiosas, infelizmente, ensinam. Que maravilhosa esperança! Que Deus espantoso! □

NOTAS

- 1 Jacques Doukhan, *Le Cri du Ciel*, Paris, ed. Vie et Santé, 1996, p. 151.
- 2 Hans Walter Wolff, *Anthropologie de l’Ancien Testament*, Genève, ed. Labor et Fides, 1974, p. 16.
- 3 *Idem*, p. 37.
- 4 *Ibidem*.
- 5 *Ibidem*.
- 6 *Idem*, p. 25.
- 7 Edmond Jacob, *Théologie de l’Ancien Testament*, 2ª ed., Genève, ed. Delachaux & Niestlé, 1968, p. 131.
- 8 Charles Gerber, *Les Sentiers de la Foi*, France, ed. SDT, 1975, p. 238.
- 9 Netta Kemp de Money, *Geografia Histórica do Mundo Bíblico*, 2ª ed., Lisboa, Editora Vida, 1981, p. 143.
- 10 Cf. Samuele Bacchiocchi, *Crenças Populares*, Brasil, ed. Casa Publicadora Brasileira, 2012, p. 54.
- 11 *Catecismo*, p. 94, nº 366 e 367, nota 4.
- 12 Isidro Pereira, S.J., *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, 5ª ed., Porto, ed. Livraria Apostolado da Imprensa, 1976, p. 325.

TEOLOGIA

A close-up photograph of a man from the chest up. He is wearing a white, long-sleeved robe with a braided sash. His right hand is held out, palm up, in a gesture of offering or blessing. The lighting is dramatic, highlighting the texture of the fabric and the man's hand against a dark background.

O HOMEM FASCINANTE

≈
Ezequiel Quintino
Teólogo

A História regista a vida de homens que foram brilhantes pela sua inteligência, ao desenvolverem algumas áreas importantes do pensamento. Independentemente de qualquer julgamento que possamos fazer destes homens, e de tantos outros, o facto é que eles, pelas suas ideias, mudaram o mundo científico, cultural, filosófico, social, espiritual e religioso.

Sócrates, como filósofo, foi um excelente questionador dos acontecimentos do seu tempo e abordou temas polémicos que não escaparam ao filtro da sua crítica.

Platão penetrou no âmago das relações sociais e políticas e estabeleceu princípios éticos que passaram a nortear o universo social.

Confúcio, filósofo de uma grande sensibilidade, amante da brandura e fundador do Confucionismo, foi um pensador e pesquisador da busca interior.

Moisés, educado pela filha do Faraó do Egito, homem eloquente e inteligente, como mensageiro de Deus, libertou habilmente o povo de Israel da escravatura, levando-o para a terra de Canaã.

Maomé, o profeta peregrino fundador da religião muçulmana, tendo dotes de um grande político e legislador, unificou o povo árabe, tornando-se no fundador de um vasto império.

Gandhi, advogado e nacionalista indiano, sem armas, liderou uma resistência não-violenta, para obter a independência do seu povo. Esta ação pacífica inspirou movimentos pelos direitos civis e pela liberdade em todo o mundo.

Einstein desenvolveu uma equação para unir o tempo e o espaço, a matéria e a energia, para explicar os enigmas do Universo. As suas ideias mudaram radicalmente a Ciência.

É interessante e enriquecedor ler biografias de homens e de mulheres e estudar a personalidade de grandes vultos da História. Porém, houve um *homem* que não se limi-

tou a ter uma inteligência fascinante, mas também teve uma personalidade misteriosa. Conquistou uma fama indescritível. Ainda hoje conquista admiradores, mas também suscita inimigos. Quando se lê acerca d'Ele, percebe-se que, embora parecesse, não se tratava de um *homem* comum. Ele transcende todos os homens, antes e depois d'Ele. Ele é o **HOMEM** por excelência! A Sua postura, a Sua personalidade, o Seu caráter e as Suas ideias foram tão impressionantes que Ele dividiu a História. Ele é a referência! As datas históricas marcam-se antes ou depois d'Ele. O mundo comemora, erradamente, o Seu nascimento como tendo sido em dezembro. Viveu há mais de vinte séculos na Palestina. O Seu nome é **JESUS CRISTO**.

De facto, Ele foi tão extraordinário que reis se tornaram Seus discípulos, intelectuais maravilharam-se com os Seus pensamentos. Maomé exaltou-O no Corão. Gandhi, Espinosa e tantos outros expressaram profunda admiração por Ele. Para muitos milhões de pessoas, Jesus Cristo é o Personagem mais famoso da história humana. Paradoxalmente, todavia, a Sua personalidade é muito pouco conhecida.

O psiquiatra e perito no estudo da inteligência humana, Augusto Cury, no livro *A Pior Prisão do Mundo*, refletiu sobre alguns aspetos da personalidade de Jesus Cristo. Citamos alguns parágrafos, entre as páginas 150 e 152.

“Cristo teve um nascimento indigno e uma história de turbulências e aflições. Nasceu entre os animais. No aconchego de um curral, Ele derramou as Suas primeiras lágrimas. O ar saturado do odor azedo de estrume fermentado ventilou pela primeira vez os Seus pequenos pulmões. Provavelmente, até as crianças mais pobres têm um nascimento mais digno do que Ele teve.

“Quando tinha dois anos, deveria estar a brincar, mas atravessava grandes sofrimen-

tos. Era perseguido de morte por Herodes. Tinha uma inteligência fora do vulgar para um adolescente e foi admirado aos doze anos por intelectuais da época. Todavia, tornou-Se num carpinteiro. As mãos grossas e o rosto castigado pelo sol escondiam a mais elevada sabedoria que alguém já teve. Discursou sobre o amor, a tolerância e o respeito humano como nenhum pensador. Embora acolhesse as pessoas mais desprezadas da sociedade e os Seus discursos exalasses aromas de paz, Ele foi o mais discriminado e incompreendido dos homens.

“Tinha, portanto, todos os motivos para ser uma Pessoa tensa, ansiosa, irritada e infeliz, mas, para nosso espanto, era uma Pessoa alegre e tranquila. Apresentou-Se como uma fonte de prazer, uma fonte de água viva que matava a sede da alma humana. Quem, no deserto mais escaldante, conseguiu, como Ele, fazer da Sua vida um oásis inesgotável que saciava a sede dos sedentos?

“Por incrível que pareça, Ele fazia poesia até mesmo da Sua miséria. (...) N’Ele não havia sombra de insatisfação. A reclamação não fazia parte do dicionário da Sua vida. Nunca acusava ninguém pelas Suas misérias. Era forte para enfrentar os Seus desafios sem precisar de ferir nem agredir ninguém. (...) Ele [Jesus Cristo] demonstrou que, mesmo diante do caos, vale a pena viver a vida.”

A mais importante fonte acerca de Jesus é a Bíblia, nomeadamente os quatro Evangelhos. Estes contam acerca de Maria: *“Ela vai dar à luz um filho, e tu vais pôr-lhe o nome de Jesus [Salvador], pois ele salvará o seu povo dos pecados”* (Mateus 1:21). Esta é a imensa e essencial missão da vinda de Jesus à Terra – *“salvar o povo dos pecados deles”*. Sem Jesus, a Humanidade estaria perdida para a eternidade. Só o Originador da vida poderia solucionar a questão da condenação à morte dos seres humanos, devido à sua rebelião e às suas transgressões. Apenas um amor infinito

em grandeza poderia motivar um gesto de tão grande magnanimidade.

Este facto emociona e ultrapassa a própria razão. Deus, Criador e Transcendente, dignar-Se vir ao mundo, como se fosse uma das Suas criaturas humanas, para viver uma vida pura e exemplar. Substituiu-nos na morte para poder restituir-nos a vida eterna. É impossível à mente humana compreender tão grande humilhação – o Criador tornar-Se criatura (Filipenses 2:5-11). Toda a ação de graças dirigida a este Deus excelso em amor nunca será em excesso. Porque, afinal, ***“Cristo foi tratado como nós merecíamos, para que pudéssemos receber o tratamento a que Ele tinha direito. Foi condenado pelos nossos pecados, nos quais não tinha participação, para que fôssemos justificados pela Sua justiça, na qual não tínhamos parte. Sofreu a morte que nos era destinada, para que recebêssemos a vida que a Ele pertencia.”***¹

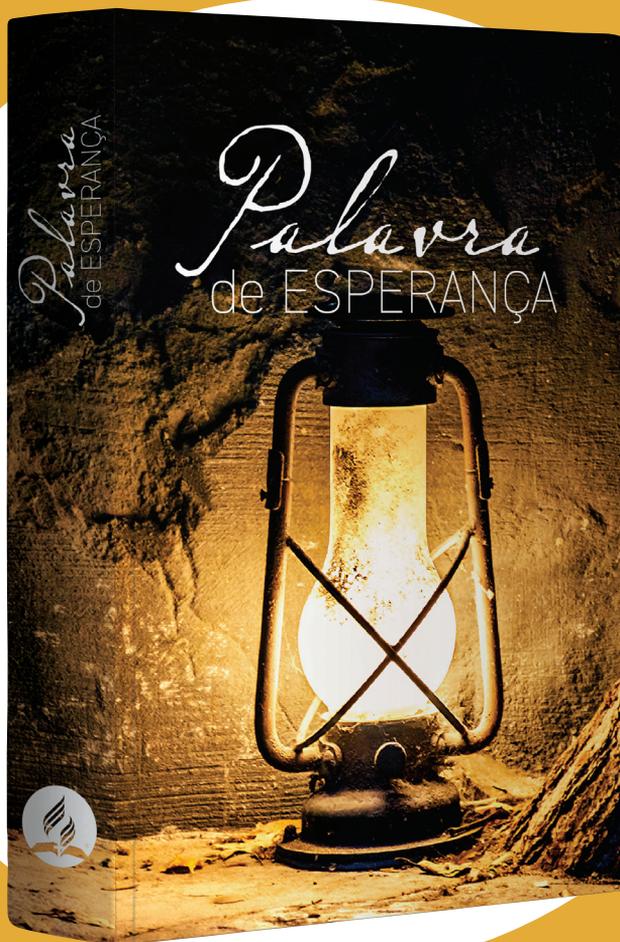
Decerto, não é esse o nosso desígnio, nem temos a capacidade de revolucionar o mundo como Jesus o fez. Contudo, é urgente e necessário revolucionar a nossa vida. Porque não aceitar o desafio neste Natal? Ele, Jesus, está sempre disponível para nos ajudar a crescer e para orientar a nossa vida em função da eternidade.

Deixemos então que o espírito de Natal, tendo Jesus Cristo como foco, preencha o nosso coração! Que a gratidão se expresse pelos nossos lábios, em louvor e adoração a Jesus. “Brilhando *inda* está, brilhando *inda* está, a estrela de luz, de raro fulgor. Brilhando *inda* está, brilhando *inda* está, a estrela a indicar o Deus Salvador”, diz um cântico de Natal. Que a luz vinda de Belém, desde há dois mil anos, ilumine, hoje, agora, o seu coração! ☐

NOTA

¹ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, Sabugo: Publicadora SerVir, s. d., p. 16.

Conheça e leia
a carta de amor de
Deus à Humanidade!



Receba e reflita,
à sua volta, o Amor de Deus!
Peça gratuitamente: 213 140 166.

HALLOWEEN



Ezequiel Quintino

Teólogo

A origem do *Halloween* remonta às tradições dos povos que habitaram a Gália e as Ilhas da Grã-Bretanha e da Irlanda, entre os anos 600 a.C. e 800 d.C.. Acreditavam que, desde o pôr do Sol do dia 31 de outubro até ao nascer do Sol do dia 1 de novembro, ocorria a “noite sagrada” – *hallow evening*, em inglês. Era tempo de lembrar os mortos na *Noite de Todos os Santos*, em

inglês: *All Hallow Eve*, que resultou em *Hallowe'en* – *Halloween*.

Nessa época, no Norte da atual França e nas Ilhas Britânicas, viveram os Celtas, que praticavam uma religião politeísta com características animistas, realizando os ritos quase sempre ao ar livre. A divindade máxima dos Celtas era feminina – a Grande Mãe ou Deu-

sa Mãe, cuja manifestação era a própria Natureza.

Entre o equinócio do verão e o solstício do inverno, os Celtas celebravam, durante uma semana, *Sambain* – *Senhor da Morte e Príncipe das Trevas*. De acordo com a crença, *Sambain* era a passagem do ano e o *Festival dos Mortos*. Dizia-se que os espíritos dos mortos voltavam nessa data aos seus antigos lares para visitar os seus parentes vivos e guiá-los rumo ao outro mundo, porque, para os Celtas, o lugar dos mortos era um lugar de felicidade perfeita, onde, hipoteticamente, não haveria fome nem dor. Estes ritos eram dirigidos pelos “sacerdotes” druidas que atuavam como “médiuns” entre as pessoas e os seus antepassados. Por outro lado, para assustar esses espíritos-fantasmas, os Celtas colocavam nas casas objetos sinistros: caveiras, ossos decorados, abóboras furadas, entre outros.

A relação do *Halloween* com o *Dia das Bruxas* teria começado na Idade Média com as perseguições a homens e mulheres considerados curandeiros e/ou pagãos. Julgados pela Inquisição, eram condenados por bruxaria ou feitiçaria e, na maioria das vezes, queimados na fogueira, nos designados autos-de-fé. Estas perseguições não pararam, mesmo com a Reforma Protestante. Entretanto, a comemoração do *Halloween* foi levada para os Estados Unidos da América no século XIX, pelos emigrantes irlandeses, povo de etnia e cultura celtas. Hoje, a secularização da sociedade ocidental, aliada ao *marketing* consumista, elabora mil e uma fantasias sedutoras, num objetivo unificado de lucro, divertimento e propaganda neopagã.

As crenças religiosas dos Celtas originaram muitos dos mitos europeus. Com a assimilação por Roma, os deuses celtas perderam características e passaram a ser identificados com as correspondentes divindades romanas. Com a ascensão do Cristianismo, a velha religião celta continuou a ser gradual

Visto que as celebrações do *Halloween*, com os seus simbolismos, envolvem morte, trevas, esqueletos, almas, demónios, fantasmas, medo e terror, deixamos um alerta oportuno.

mente abandonada, sem nunca ter sido totalmente extinta, estando, ainda hoje, presente em muitos cultos de santos e nas crenças populares, assimiladas pela tradição Católica. Um exemplo disso é a tentativa de cristianização das velhas práticas celtas, ao fazer coincidir o *Dia de Todos os Santos* e o *Dia dos Fiéis Defuntos*, 1 e 2 de novembro, com as festas celtas de *Sambain*.

Visto que as celebrações do *Halloween*, com os seus simbolismos, envolvem morte, trevas, esqueletos, almas, demónios, fantasmas, medo e terror, deixamos um alerta oportuno. Na defesa do ser humano, Deus recomenda que ninguém pratique “*artes mágicas ou magia negra, ou espiritismo, invocando os espíritos dos mortos e utilizando médiuns, nem bruxarias, adivinhações ou astrologia e consulta de horóscopos. Quem quer que seja que pratique qualquer destas coisas torna-se, para o Senhor, objeto de abominação e repugnância*” (Deut. 18:9-14, versão *O Livro*).

O recrudescimento da celebração do *Halloween*, juntamente com todos estes sincretismos, é evidência de mais *siniais dos tempos* na atualidade... ▢



ONU QUER DIETAS MENOS CARNÍVORAS PARA TRAVAR ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

O aquecimento global só poderá ser travado com mudanças no uso dos solos e no consumo alimentar. Esta foi a advertência das Nações Unidas, num relatório que servirá de base a futuras negociações sobre alterações climáticas.

De facto, na 50ª sessão do Grupo Intergovernamental de Especialistas sobre Alterações Climáticas (IPCC) das Nações Unidas, em Genebra (Suíça), foi produzido um documento atual de enorme valor. Este relatório servirá de base às futuras negociações dos Estados signatários e deverá influenciar as discussões na cimeira anual sobre o clima, agendada para dezembro, em Santiago do Chile.

Os cientistas asseguram que *comer menos carne e mais alimentos à base de plantas ajuda a combater as alterações climáticas*. Também sublinham que o objetivo não é dizer às pessoas o que devem comer, mas fazer recomendações para os líderes políticos. Pela primeira vez, os especialistas estabelecem uma relação direta entre as alterações climáticas e a degradação global dos solos – zonas mais áridas, perda de biodiversidade e desertificação.

O documento recomenda que os governos promovam políticas de mudança do uso florestal e agrícola dos solos, tendo em conta que as florestas absorvem cerca de um

terço das emissões de dióxido de carbono (CO₂). Também recomenda a implementação de políticas que “reduzam o desperdício de comida e promovam a opção por determinados regimes alimentares”. Neste sentido, *estimula a opção de dietas menos carnívoras e que reduzam a população obesa ou com excesso de peso, estimada em mais de dois mil milhões de pessoas. De acordo com o estudo, entre 35 e 30% da comida produzida no Planeta é desperdiçada, enquanto se estima que 820 milhões de pessoas passem fome em todo o mundo.*

Combater este problema poderá reduzir a pressão de desflorestação com o objetivo de aumentar os solos agrícolas, considera o estudo, que aponta igualmente que a agricultura, a silvicultura e a criação de gado representam 23% do total de emissões de CO₂. Por isso, é proposto *retomar as práticas agrícolas, silvícolas e de produção de gado das populações indígenas, uma vez que a “sua experiência pode contribuir para os desafios que representam as alterações climáticas, a segurança alimentar, a conservação da biodiversidade e o combate à desertificação”*. ▢

Lusa – 8 de agosto de 2019

www.zap.aeiou.pt/mudancas-dieta-travar-alteracoes-272778



Solução para a Morte

Deus criou o ser humano para a imortalidade. Porém, ao traírem a confiança de Deus e o relacionamento com o Criador, o homem e a mulher perderam essa imortalidade: “Só à custa de muito suor conseguirás arranjar o necessário para comer, até que um dia te venhas a transformar de novo em terra, pois dela foste formado. Na verdade, tu és pó e em pó te hás de transformar de novo.” – Génesis 3:19.

A morte é uma situação de aniquilação e de total inconsciência: “De facto, o destino dos humanos e o dos animais é o mesmo; tanto morrem uns como os outros; o sopro da vida é o mesmo para todos. O homem não tem melhor sorte do que o animal: é tudo uma ilusão! Todos vão para o mesmo lugar; todos foram feitos do pó da terra e para lá hão de voltar (...) É certo que os vivos sabem que hão de morrer. Mas os mortos não sabem nada nem têm mais nada a receber. Estão completamente esquecidos. Os seus amores, ódios e paixões, tudo se acabou. E nunca mais eles voltam a tomar parte naquilo que se faz neste mundo (...) Põe todo o teu empenho em tudo aquilo que fazes, pois lá no mundo dos mortos aonde vais parar não se fazem planos nem se executam, não há conhecimento nem sabedoria.” – Eclesiastes 3:19 e 20; 9:5 e 6, 10.

Jesus é o Messias Salvador da Humanidade que é, e dá, a solução para a morte: “Na verdade, o Filho do homem veio buscar

e salvar os que estavam perdidos.” – Lucas 19:10. “Deus mostrou-nos até que ponto nos ama pois, quando ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós.” – Romanos 5:8. “Disse Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. O que crê me mim, mesmo que morra, há de viver.” – João 11:25.

A morte e a ressurreição de Cristo são a garantia da nossa salvação aquando da Sua Segunda Vinda: “Cristo ressuscitou dos mortos, e é garantia de ressurreição para todos os que morreram. Assim, por meio de um homem começou a morte no mundo e por outro homem começou a ressurreição dos mortos. Deste modo, unidos a Adão, todos estão sujeitos à morte e, unidos a Cristo, todos voltarão a receber a vida (...) Vou dar-vos a conhecer um mistério: nem todos morreremos, mas todos havemos de ser transformados. Isso acontecerá num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da trombeta final.” – I Coríntios 15:20-22, 51 e 52. “O próprio Senhor, ao sinal dado pela voz do arcanjo e pela trombeta de Deus, descerá do céu, e os que morreram em união com Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que estivermos vivos, seremos conduzidos sobre as nuvens do céu, ao encontro do Senhor, juntamente com eles. E assim estaremos eternamente com o Senhor. Por isso confortem-se uns aos outros com estas palavras.” – I Tessalonicenses 4:16-18.

NOTA: Textos retirados da versão bíblica *Bíblia para Todos* (BpT).

CIDADES SUBMERSAS E OUTRAS SEM ÁGUA

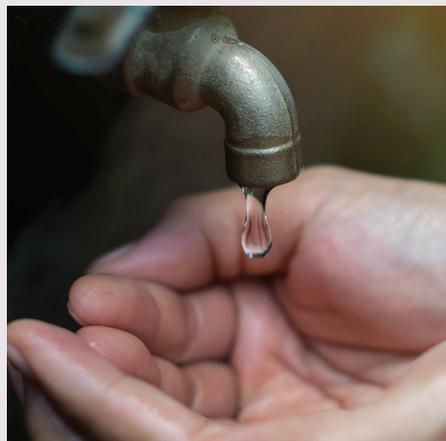


Selma Guerreiro, investigadora portuguesa da Universidade de Newcastle, coordenou um estudo inédito sobre *alterações climáticas que vão atingir 571 cidades europeias na segunda metade do século, incluindo 18 portuguesas* (Lisboa, Porto, Braga, Coimbra, Setúbal, Aveiro, Faro, Sintra, Gaia, Matosinhos, Gondomar, Guimarães, Santa Maria da Feira, Famalicão, Vila Franca de Xira, Barcelos, Maia e Leiria).

A cientista alerta que é tempo de encarar as mudanças no clima como um problema do presente e não de um futuro longínquo. Diz ainda a especialista na área da hidrologia e das alterações climáticas que os

As Ilhas Britânicas apresentam um aumento das condições de cheias, mesmo no cenário mais otimista. Em relação às secas, os países mediterrânicos vão ser, realmente, os mais afetados. E, no que respeita às ondas de calor, tanto o número de dias, como as temperaturas máximas vão aumentar, infelizmente, em toda a Europa. Os países do Mediterrâneo destacam-se no aumento do número de dias de ondas de calor, mas é nos países do Centro que a temperatura máxima verificada nesses períodos vai subir mais.

O que pode e deve ser feito: *poupar água, desenvolver uma agricultura mais eficiente, construir mais reservatórios de água e barragens, reduzir drasticamente a emissão de gases com efeito de estufa e a poluição do solo e da água.* ▢



fenómenos climáticos extremos vão atingir a Europa com uma intensidade ainda maior do que indicavam previsões anteriores. *Se não fizermos nada, há cidades na Europa que vão ficar submersas e outras que podem ficar sem água.*



www.visao.sapo.pt/actualidade/sociedade/2018-02-27-Se-nao-fizermos-nada-ha-cidades-na-Europa-que-va-ao-ficar-submersas-e-outras-que-podem-ficar-sem-agua

A GRONELÂNDIA DERRETE QUATRO VEZES MAIS DEPRESSA

É assustador, dizem os próprios cientistas. O ritmo da perda de gelo das calotas da Gronelândia quadruplicou nos últimos 15 anos. Com a recente onda de calor que assolou o Centro e o Norte da Europa, *mais de 40% da área superficial da Gronelândia derreteu* no dia 13 de junho de 2019, isto é, cerca de 712 mil quilômetros da superfície. Este valor representa uma perda de *dois mil milhões de toneladas de gelo*. ▢



Fotografia divulgada no Twitter do climatologista dinamarquês Rasmus Tonboe. Ilustra o degelo que ocorre na Gronelândia.

www.tvi24.iol.pt/internacional/degelo/gelo-da-gronelandia-esta-a-derreter-quatro-vez-mais-depressa-do-que-se-achava
www.zap.aeiou.pt/fotografia-retrata-degelo-recorde-na-gronelandia-263161

E A AMAZÓNIA A ARDER...

Preparemo-nos para a evacuação deste Planeta! Nem afogados, nem queimados... Porém, a irreversibilidade da situação é, a cada dia, mais evidente. Por isso, necessitamos de ajuda externa. E há Quem esteja disposto a fornecê-la. Então, tratemos de nos informar, para iniciarmos com urgência a nossa preparação para a libertação desta Terra.

Este é o tempo de vermos e de compreendermos para além destes *sinais dos tem-*

pos, quais semáforos intermitentes indicadores de outros perigos...



Seja Feliz!



“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.” Mateus 11:28.



Alivie a sua dor, hoje!

Peça gratuitamente: 213 140 166.